ANO XV — SABADO, 25 DE MARÇO DE 1916 — NUMERO 287

A Lanterna

ANTI-CLERICAL E DE COMBATE SOCIAL

PUBLICA-SE AOS SABADOS
Red. e adm.: Rua 21 de Abril, 61, (Braz)
Numero avulso: Da semana, $100; atrasado, $200
A inserção de anuncios na 4.ª pagina é feita mediante preços convencionados

Director: EDEGAR LEUENROTE
ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 195 — S. PAULO (BRASIL)
ENDEREÇO TELEGRAFICO: LANTERNA

PREÇO DE ASSINATURA:
ANO, PARA TODO O BRASIL. 10$000 | SEMESTRE, IDEM . . . . . 6$000
PARA O ESTRANGEIRO, ANO . . . . 15$000
O pagamento deve ser feito sempre adiantadamente

Nossa maneira de agir

Afamosa questão do imposto do comercio que, por momentos, pareceu interessar, pelo menos em parte, a população habitualmente indiferente desta cidade, ao que se vê, já foi relegada ao ról das coisas esquecidas, cedendo o seu logar de destaque, no campo da publicidade bulhenta, aos factos policiais de sanguineas côres.

E não póde isto causar estranhesa tendo-se em conta que nos encontramos no seio de uma população heterogenea, vivendo cada colonia para seu lado, sem se preocupar com as coisas publicas e deshabituada das pelejas pelo patrocinio e conquista dos seus direitos, deixando correr tudo á mercê do arbitrio rapinante e tiranico dos dominantes.

E' por isso que todas as vezes que surjam questões de interesse geral, capazes de atingir e de preocupar o publico, os revolucionarios sociais se devem pronunciar sobre elas, fazendo-as passar pelo cadinho do criterio libertario, com a discussão na sua imprensa e nas reuniões populares, sempre que seja possivel.

Isso foi o que procurámos fazer, na medida das nossas forças, quando irrompeu o debate ao redor da nova tributação forjada de afogadilho pelos camorristas estatais com o fim de arranjar dinheiro para os seus esbanjamentos.

Chamado o povo para a praça publica, pelos companheiros da União Geral dos Trabalhadores, aos comicios realizados estivemos presentes e, como pudemos, nos pronunciámos sobre o assunto, estigmatizando a obra nefasta dos governantes e da burguesia em geral, esforçando-nos por convencer os assistentes de que o mal está na odiosa organização da sociedade e que, portanto, sómente derrubando-a por meio da Revolução Social e estabelecendo o regimen do comunismo-libertario se conseguirá acabar com essa e as mais anomalias e fazer a felicidade de todos.

Foi, como se vê, uma exelente oportunidade para divulgarmos a nossa propaganda, tendo ocasião de, a proposito de um assunto de momento, falar da questão social em seus varios aspectos.

Os companheiros da *Guerra Sociale* parecem, porêm, pensar de maneira diversa, censurando os libertarios que tomaram parte na agitação promovida pela U. G. dos T.

Nós, apesar disso, não estamos arrependidos do modesto contributo de esforços que a ela dedicámos. Antes pelo contrario, lamentamos que tão raramente se nos apresentem oportunidades como essa de ventilar o nosso problema na praça publica, tendo a ouvir-nos o povo chocado por uma questão palpitante.

E é convivendo com o povo, procurando orienta-lo quando envolvido em qualquer acontecimento — que havemos de conseguir encaminha-lo para a acção redentora do anarquismo e com ele marcharmos para o mundo livre que as transformações politicas não conseguiram nem consiguirão conquistar.

Ecos & Notas

A FARÇA ELEITORAL

Representou-se, alfim, a ridicula farça, que se compoz de tres partes de lances varios, mas de comum desfecho — tal e qual como nas fitas de economica metragem.

Felizmente, ninguem dela se apercebeu, esguelando-se os apregoadores baldadamente.

Os programas pomposos apareceram nos orgão de alta cotação a tanto por linha, indicando os nomes dos comediantes e marcando os dias das funções.

Baldadamente, porêm, se esguelaram os apregoadores, pois os assistentes foram bem escassos e o fiasco seria completo, se as gazetas não estivessem a bom mercado.

Apesar de tudo, a farça se representou e, dentro em pouco, os histriões miserandos se refestelarão, como deputados e senadores, uns, a forgicar leis protetoras do banditismo, e o outro como presidente de toda a corja enluvada.

Bem velha é já, entretanto, semelhante comedia e dia virá em que o povo, farto de atura-la, romperá em apocaliptica pateada, correndo com os infames farçantes, não permitindo que eles jamais o aborreçam.



DUPLO CARNAVAL

Passam-se os anos, os seculos se vão escoando pela ampulheta do tempo, mas certos vicios sociais vêm vencendo as gerações, sendo-nos legados apenas com pequenas variantes.

No seu numero sem conta se encaixa esse triduo orgiaco que, quando meio mundo se esboroa nos desvarios da guerra, transformou as cidades em hospicios abertos, andando os doidos á solta, quando estavam a reclamar potentes camisas de força.

Exatamente como nas eras idas dos cezares romanos, os escravos andaram por aí, muitos maltrapilhos e esfaimados, a pular e gritar sem saber porque — enquanto os patricios da época se entregavam aos deboches dos altos salões.

Viva a pandega! — berravam bestialmente todos, ao mesmo tempo que a metralha ceifava, aos milhares, a juventude lá para as bandas europeias.

Enfim, Momo passou e enquanto esperamos que transcorra o novo ciclo gregoriano, aprestemo-nos para assistir ao segundo carnaval.

Sim, abri alas que aí vem, por entre nuvens de incenso e puxado por lamucrientas marchas, o prestito pomposo da Igreja de Roma.

Momo cedeu o seu reinado ao Cristo ultramontano. Pierrot substituiu os seus largos calções pela opa respeitavel, enquanto que Colombina vem metida em freirescas vestes.

Abri caminho, miseros mortais, que o carnaval cristão vai passar! Evohé!

AOS ASSINANTES

Estando a terminar a viagem pela Paulista, o nosso companheiro-viajante vai, dentro em pouco, percorrer todas as localidades servidas pela **LINHA ITUANA** *e, em seguida, a E. de F. Central do Brazil, inclusive o Estado de Minas.*

Dispensamo-nos do apelo que a situação exige. Os nossos assinantes sabem de sobra que a A Lanterna *vive apenas das suas contribuições.*

E' preciso, pois, que atendam prontamente ao nosso companheiro, contribuindo com as suas importancias e auxiliandou-o a conseguir novos assinantes.

Um bispo, que se fizera padre depois de enviuvar, tinha consigo duas filhas, que faziam as honras da casa. Tendo um dia á mesa o vigario duma distante paroquia sertaneja, quiz esplicar lhe a presença das duas moças. Mas o vigario, condescendente, atalhou logo ás primeiras palavras:

— Oh! Monsenhor, escusa de se justificar! Todos nós temos dessas fraquezas...



— Povo, se queres libertar-te dessa situação humilhante — rebela-te e alija a carga, invertendo os papeis!

A VERDADE

O Cristo de Bitinia

Jesus Cristo do Ponto é uma personagem historica que, sob a proteção de Mitridates, usurpou o trono de Nicomédia, foi coroado rei messianico da Bitinia, 90 anos antes da era cristã, e executado pouco depois, no tempo de Sylla. Estes cristãos pontinos são mencionados por Plinio o Moço como uma antiga seita conhecida por aquele nome e muito apegada á sua religião.

Augusto Cesar é uma personalidade historica que subjugou o imperio romano 30 anos antes da era cristã e foi deificado em Roma 15 anos antes da era cristã e 7 anos mais tarde no Egipto, como monarca romano chamado Dionysius (Deus Iesus) e principe da paz.

Jesus Cristo da Judeia é uma personalidade imaginaria que, entre o reinado de Marco Aurelio e seu filho Comodo (161-193 anos depois da nossa era, não sendo conhecida a data precisa da invenção e podendo deduzir-se mesmo 229, segundo os *Prolegomena*, de Hardouin, p. 5), foi inventada pelos cristãos greco-judaico-romanos, mas não era ainda adoroda como uma divindade, coisa que veiu mais tarde. Augusto não era sómente reconhecido pelo mundo romano, como Dionysius o Soter (Salvador), o messias e o principe da paz; o seu culto, sob este aspecto, era regulado por leis severas, sendo a morte inflingida pela menor negligencia. Augusto foi adorado mesmo pelos seus sucessores, alguns dos quais, como Comodo, foram tambem deificados (Suetonio).

Não se sabe ao certo quando os sectarios de Jesus da Judeia começaram a adorar a sua incarnação como personagem real. As mais antigas representações desta deidade foram as dum cordeiro, o cordeiro de Deus. No concilio de Trulo (Constantinopla), em 707, é que verdadeiramente foi reconhecido como personagem humana. Todavia, em 705, fôra gravada numa moeda uma imagem dele. Era um solidus de oiro de Justiniano II. Esta cunhagem e a imposição dum imposto pago nesta moeda causaram uma guerra com Abd-el-Melek. Não é certo que o Cristo reconhecido por Constantino fosse o da Judeia; é mais provavel que fosse o de Bitinia.

REMEMBER!

A COMUNA DE PARIS

(18 DE MARÇO DE 1871)

Como que a relembra-la mais fielmente, na sua feição tragica, transcorreu este ano a data da Comuna de Paris em tristissima situação para o povo, sujeito aos horrores da guerra.

Exactamente como ha 45 anos, a burguezia, manejando os seus interesses, provocou a guerra, arrastando o povo para ela.

Mas em 71, o povo de Paris, iluminado pelas consequencias da peleja infame, rebelou-se, dominou a cidade e proclamou a Comuna.

Não estava, entretanto, devidamente preparado para ela — e foi vencido. Os governantes francezes, chamando os prussianos em seu auxilio, afogaram em sangue a tentativa generosa de redimir a humanidade. Trinta e cinco mil pessoas foram massacradas nas ruas parisienses.

E a Comuna de Paris passou á historia como uma tremenda lição.

Quasi meio seculo é passado. A burguezia repetiu o seu grande crime.

Repetirá tambem o povo da Europa a tentativa da população parisiense de 71?

Quem sabe! O certo é que estes 45 anos cimentou-se um novo regimen social em que a guerra não mais se manifestará.

Surgirá ele, agora, dos escombros da sociedade burgueza que se está esboroando na Europa?

Para o bem da humana especie — assim seja!



BIBLIA VERMELHA

O homem só é homem quando aprende a ser um revoltado.

Ramalho Ortigão.

Sem a liberdade não ha ordem possivel.

Graça Aranha.

Poderemos dizer a nós mesmos toda a verdade? Se a podemos dizer eu abalanço-me a afirmar que a unica fórma heroica da sciencia e da vida moderna — é o anarquismo.

Rastignac.
(Dr. Vicente Morello).

A Igreja é sempre a mesma — a negação da virtude, a antitese do caracter, o oposto da generosidade, do bem, do desprendimento, do amor.

José N. da Silva.

DE PARIS

O DEUS DO TERROR

QUANDO TIVER PASSADO O MONSTRO TERRIVEL DA GUERRA, O POVO LARGARÁ A MÃO RELIGIOSA.

Não se póde negar que o terror determinou, nestes ultimos meses, uma religiosidade e um feiticismo.

Coisa curiosa, esta recrudescencia de ritualismo — é o termo — exagera as fórmas e parece viver muito mais pelo gesto do que pelo pensamento. Outro dia, um escritor francez, que nunca passou por clerical, escrevia no *Temps* — no qual outrora colaborou o grande sceptico Edmundo Scherer — um artigo em que confessava, não a sua necessidade de crer, mas a sua necessidade de culto. Citava até a carta dum protestante que declarava não lhe bastarem já as cerimonias do protestantismo: só a Igreja romana lhe proporcionava agora uma satisfação espiritual. Trata-se, pois, verdadeiramente do ritualismo, de rubrica, de musica, de gesto, de incenso, e não de prece pura e simples.

Tudo isso é nervoso. O povo, que as atrocidades da guerra apavoram, procura diante do altar iluminado e dos esplendores dos ouropeis eclesiasticos, uma distração, o esquecimento das horas más. Desorientado, desarvorado, marcha para o templo, esperando achar ali a chave do misterio sinistro que paira sobre o futuro. Interroga sem obter resposta ou sugere a si mesmo uma esperança atribuida á intervenção celeste. E o meio ambiente, os ornamentos, o vitrais através dos quais se insinua e colora a luz, o incenso cujo fumo aromatiza a nave, o canto do padre, tudo isso contribui para o embalar em ilusões felizes...

... As coisas do céu, neste momento, estão longe demais para passar para o primeiro plano das preocupações populares. Os desgraçados que nas igrejas se ajoelham e salmodiam, rogam ao Deus que eles imploram faça cessar o flagelo ou poupe os seus que combatem longe do lar. O seu pensamento não vai mais alêm e se algumas palavras — paraiso, inferno, vida eterna — lhes acodem aos labios, são repetições murmuradas maquinalmente e sem relação directa com a propria oração.

O «sangue de Cristo» — pensem o que pensarem pastores e curas — importa pouquissimo a esses pobres desesperados. Por agora, é o «sangue humano» vertido nos campos de batalha que o faz gemer e chorar. O dogma passa para o ultimo plano. O misterio da revelação e o da salvação são de menor importancia que uma paz proxima ou a cura duma ferida.

Não é a fé religiosa que os guia, a fé num mundo melhor, a fé numa «redenção», a fé num perdão de «pecados» cometidos. Não; é o medo, mas o medo dos sofrimentos terrestres, não o medo dos sofrimentos «post mortem». E esse sentimento, muito humano, que por tantos lados confina com o feiticismo, coloca o cristianismo no mesmo pé das religiões menos espiritualistas. Volta ser a crença dos remotissimos antepassados num poder oculto e perverso, cujos actos crueis só podem ser evitados com sacrificios, holocaustos, cerimonias e adorações.

Evidentemente, a Igreja tira proveito deste estado patologico e contagioso da multidão. As mil vantagens que daí lhe adveem não são talvez imediatamente materiais, mas se-lo-ão mais tarde, quando reflorir a paz, e as bolsas, de novo recheadas, permitirem dons e larguezas. E depois, a Igreja sonha já beneficios politicos, assegurados no futuro por esse «despertar», cujas manifestações ela proclama jubilosamente.

Parece que se engana um pouco. Já não estamos no ano mil, em que as populações aterradas com a predição fantasista do fim do mundo se separavam dos seus bens terrenos — que iam tornar-se inuteis — para os dar ás instituições pias, sem aliás pensar que, deixando o mundo de existir, com ele desapareceriam frades, freiras e outros homens de igreja. O povo da idade media não via tão longe e os bons religiosos abstinham-se cuidadosamente de lhe abrir os olhos. Recebia. Quem dá aos padres, a Deus empresta. Já lá vai esse tempo, e eles bem o sabem. Mas as suas astucias são tão numerosas que contam apesar de tudo com o terror popular e dele esperam proveitoso rendimento.

Quanto ao resultado espiritual — se é que a Igreja se preocupa com isso — acho que não ha-de ser brilhante. Digam o que disserem, o cristianismo tem chumbo na asa. Os morteiros desta guerra feriram-no mortalmente. Alguns cristãos inteligentes compreendem-no muito bem e não se iludem quanto ás manifestações febris do povo desorientado. Ainda outro dia, a Aliança evangelica suissa publicava um apela em que achamos mais uma vez o certificado de impotencia contra a religião nazarena. «Primeiramente exprimimos, perante Deus, os nossos sentimentos de dolorosa humilhação ao pensar que, em nossos paises cristãos, o cristianismo não teve bastante influencia e autoridade para obstar aos horrores duma guerra entre os que reivindicam Jesus Cristo, Salvador de todos os homens.» Assim falam pastores e professores de teologia. Confessam a falencia e — ó logica manca! — humilham-se por isso perante o Deus que podia impedi-la, pois que é «todo-poderoso».

Que o povo se precipite agora para as igrejas, pouco importa. E' a historia do menino que, assustado pelo canzarrão que passa, procura momentaneamente a mão protectora ou a saia da mãe.

Quando tiver passado o monstro terrivel, o povo, tranquilizado, largará pouco a pouco a mão religiosa, cuja inutilidade ele verificará mais uma vez. Ela nada soubera e nada pudera prevenir; nada soube e nada pôde evitar; foi inerte.

V.



Que esquisitice, senhores,
Sonhei ha dias passados:
Vi um padre, um burguez e um juiz
Na mesma canga cangados.

POBRE ESPANHA!

DOMINIO ATROFIANTE DO CLERICALISMO

Regimen da delação e do embrutecimento — Quando se libertará o povo dessa praga?

Quem contemplar aquele viridente solo da Espanha sob a diafanidade de um céu azul, armonizando-se com os grandes encantos das suas ribeiras perfumadas, dos seus vales preciosos, num dia primaveril, — ficará sob a impressão de um paiz feliz, delicioso, pela sua prodigiosa natureza. Entretanto, um grande fenomeno social contrasta com os seus encantos naturais, toldando como um borrão negro a felicidade dos seus habitantes.

E' o deleterio clericalismo que por toda a parte vive a empeçonhar as consciencias, arrastando-se como verme na podridão, mostrando as suas larvas corrosivas á luz com que se lhe antepõe o pensamento humano.

Em todos os lugares, e, com especialidade na Galicia, se vêm os «cuervos», como manadas de bucefalos, farejando as consciencias, medrar ao amparo dos poderes publicos, como um desafio á liberdade e ao progresso.

Rara é a aldeia em que não existam, pelo menos, dois ou tres roupetas locupletando-se com o suor dos rusticos aldeões que os reverenciam e os respeitam como os directores espirituais das almas, especialmente das de algumas devotas... Nas vilas e cidades, a cada passo, aparecem bandos de padres e freiras, como coletividades de seres extranhos, refratarios á luz, que os ofusca.

Assim é que, gordos e espadaúdos, medram como verdadeiros suinos, aniquilando os sentimentos puros, envenenando a infancia, sem que o povo perceba a acção malefica desses sicarios de Roma, desses inimigos rancorosos da obra de Ferrer — e os expulse para beneficio da felicidade humana.

Existe uma lei na Espanha, estabelecida ha pouco tempo, que pune a blasfemia e proibe o trabalho dominical, a qual serve de pretexto para eles se vingarem dos que lhes são desafectos, dos que não comungam com as ladainhas desses embrutecedores do povo. Não podendo faze-lo por meio das ameaças da «colera divina», valem-se da dita lei humana, denunciando a pobres infelizes aos tribunais, cujas multas são de 100 pesetas pela sua infracção.

Para conseguirem os seus negros planos de vingança, arquitetam eles mesmos a blasfemia e, quando em grupo de tres, faz-se um deles de delator e os outros de testemunhas, e a vitima dos prégadores da «moral cristã» é condenada a pagar a odiosa multa, como quasi aconteceu ao sinatario destas linhas, no dia 12 de abril do ano transacto. Possuindo, porêm, concludentes provas de testemunhas civis da inveracidade da acusação, esta foi rejeitada, concedendo-se só valor moral juridico aos falsos e infames delatores, como representantes da «divino justiça».

Como os meliantes não pudessem justificar cabalmente as odiosas acusações, ficaram patetas ao ver que, com auxilio de alguns amigos, fiquei em liberdade e isento da multa, vindo só a pagar a importancia de cinco pesetas.

E é assim como essa pleiade de bandidos e hipocritas pretende moralizar!...

Com efeito, foi sempre esse o procedimento da Igreja Catolica: a calunia e a delação são as armas empregadas contra os que lhes cáem no desagrado.

Outro facto que evidencia a malvadez e a cobardia tão peculiares á clericanalha, é o que se refere á denuncia de infelizes jovens como desertores do serviço militar. Um facto dessa natureza deu-se numa aldeia denominada Castrelo de Abajo (Orense).

Um reptil que exercia a asquerosa missão de bestificar as consciencias nessa paroquia, porque lhe caissem no desafecto alguns moços do localidade, denunciou-os ás autoridades militares como desertores, sendo alguns presos e outros obrigados a abandonar os seus lares e emigrar para outros paizes.

Depois disso, o roupeta azulou do esconderijo como a vibora que, após haver picado a vitima, vai ocultar-se na mata ou no pedregal.

Quando o povo se decidirá a acabar com esta praga de gafanhotos, devastadora moral e material da felicidade humana?

Quando será vingado o nefando crime perpetrado na fortaleza de Montjuich, por ordens dos sicarios da seita maldita, cognominada clero romano, e do governo tiranico executor de tamanho atentado?

Só mesmo uma forte e potente revolta do povo poderá fazer desaparecer tamanha calamidade, deixando apenas como trofeu de sombrias recordações a sua negra historia repleta de crimes, sendo de todos eles o mais grave, moralmente a educação perniciosa ministrada á infancia e á mulher. Sim, porque por meio da insinuação, par meio de uma pretendida instrucção, baseada no obscurantismo e na rotina, explorando a ignorancia e falta de raciocinio dos crentes, eles conseguem captar a confiança destes, ensinando aos seus filhos os maiores disparates em pugna aberta com a verdade; apagando no espirito das crianças toda a concepção natural da vida, monstrando-lhes o caminho inverso á felicidade, preparando-as em toda a linha, não para serem homens livres, homens cultos, mas sim para o sofrimento, para a resignação, para o suicidio moral.

E assim continuam emporcalhando a civilização, vivendo á tripa forra, em nome duma odiosa religião sombreada de dogmas estupidos e de sofismas insustentaveis ante a sciencia, até que um dia, a luz forte da razão e da justiça os confunda no tenebroso mar imenso do seu passado ignominioso.

Rio, 27 — 2 — 916.

Manuel Esteves.



✤ ✤ **Queremos que o nosso jornal, seguindo a orientação moderna da imprensa independente, seja uma tribuna de livre discussão, para a investigação sincera da verdade e como um éco ás largas aspirações do nosso tempo.**

"A LANTERNA"

Vencendo dificuldades sem conta, vamos fazendo aparecer a nossa querida folha, esperançados de pode-la ver, dentro em breve, com a sua publicação semanal restabelecida.

Atravessamos um momento que reclama a acção activa dos jornais rebeldes, mormente entre nós, onde os elementos reaccionarios dominam livremente, contando com o apoio dos plumitivos de aluguel.

Urge, pois, que todo os amigos da A Lanterna *lhe prestem o seu apoio, para que ela possa corresponder devidamente ás prementes necessidades da propaganda.*

Basta que cada um pague a sua assinatura, procurando arranjar novos assinantes ou contribuições voluntarias — para que possamos desenvolver com maior proveito a nossa obra.

—

O presente numero sai com algum atraso, devido aos muitos feriados da quinzena, aproveitados para regularizar certos trabalhos administrativos.

AOS POETAS — MISERIA

Artistas! Se te oprime a esqualida miseria,
Se a grande falta de ouro amarra as tuas azas,
Rojando-te no chão, na lama da materia,
Mesclando a fome vil ao sonho em que abrazas,

Não te importe o clamor dessas turbas tão razas,
Não te importe o pungir da carne deleteria...
Num solo de veludo ou num solo de brazas,
Caminha, fito o olhar numa esperança etérea!

Que te importa o banal, a propriedade, o mundo?
Se te negam o pão, usa a força, expropria!
Em vez de te humilhar, faze-te vagabundo...

Vibra teu plectro exul por este mundo afóra,
Mas lega, quando morto, á multidão sombria
Um grito de revolta e uma estrofe sonora!

Afonso Schmidt.

A GUERRA!

MAIS UM PAIZ ARRASTADO PARA O TERRIVEL BARATRO

Relembrando Buiça e Costa — os justiceiros.

Mais um pais foi arrastado pelo turação da loucura sanguinaria para o vórtice da guerra — Portugal, a viridente terra do fado, plantada como que para a vida feliz dos libertarios sonhos no limiar da Europa multi-secular.



Manuel da Silva Buiça

Embora milhões de homens já estejam no matadouro, ainda ha lugar para as duas centenas de milhares de jovens luzitanos que para lá possam seguir.

Os plumitivos de ganhação andam para aí a rebuscar a historia portugueza para ilustrar as suas folhas de factos consagrados e de vultos de destaque.

Nós não queremos tambem fugir á corrente. Arrancamos á luza vida um acontecimento: a execução, do Terreiro do Paço, de D. Carlos e D. Luiz de Bragança, simbolos da tirania, e dois vultos: Manuel da Silva Buiça e Alfredo L. da Costa, os justiceiros populares.



Alfredo L. da Costa

E assim tributamos justiça aos heroicos portuguezes que, fazendo os sinos tocar a rebate, andaram, ainda ha pouco, a assaltar os armazens para de lá tirar e dar ao povo faminto quanto os declaradores da guerra tinham acumulado.

18 DE MARÇO

O companheiro João Penteado promoveu uma reunião comemorativa na séde da Escola Moderna N. 1, constando ela de recitativos e cantos pelos alunos e de uma palestra pelo companheiro José Romero.



Lanterna Magica

Função sacra

Ha dias, os pobres fios telegraficos trabalharam para transmitir ao mundo abatido pela dôr o pungentissimo despacho seguinte:

Rio, 25 — O sr. José Roberto de Macedo Soares, adido á embaixada do Brasil em Portugal, em nome do dr. Gastão da Cunha, sub-secretario do Exterior, visitou hoje, no palacio de S. Joaquim, o cardeal Arcoverde que se acha ligeiramente enfermo.

Uma simples visita?! Vamos dirigir uma representação aos benemeritos e respeitabilissimos pais da Patria (com P maiusculo, já se vê) reclamando a demissão, a bem do serviço publico, de tão mau diplomata.

Pois esse rato de embaixada não sabia que o santo protegido do defunto barão de fama rara precisava de alguem que sagradamente lhe limpasse o serafico trazeiro?

♛ ♛ ♛

O poder divino

Se ainda ha alguem que possa duvidar do poder divino, deve submeter-se ante este facto inconfundivel:

Durante uma violenta tempestade, seguida de inundação, que ha uns dois mezes caiu sobre Varazze (Italia), morreu afogada na igreja uma religiosa, que tentára salvar o Santissimo Sacramento.

Mas onde diabo se havia metido a santidade do tal Santissimo que deixou morrer a pobre beata empenhada em salva-lo?

♛ ♛ ♛

Um milagre

Benzendo-nos com ambas as mãos, curvamo-nos reverentes ante o milagre que, para gloria da cristandade, passamos a registrar:

Porto Alegre, 3 — Na noite passada, os ladrões arrombaram a igreja de Santo Antonio, situada no arraial da Baroneza, roubando paramentos, castiçais de prata e caixinhas de esmolas.

E' tão desprendido o santo das moças casadeiras que se deixou assim roubar sem nem ao menos levar aos sacros labios o mortal apito...

♛ ♛ ♛

Com a chave de S. Pedro

— Sabes? vamos agora que ter de abandonar a cruz.

— ?

— Sim, porque o simbolo da Igreja vai passar a ser, em S. Paulo, o queixo do nosso futuro patrono.

Uma coleção da "A Lanterna"

O Militarismo e sua nefasta influencia social

Militarismo!

Sabeis o que é o militarismo?

Não vos causa horror esta palavra?

Com certeza, sim.

E porque?...

Quereis que vo-lo diga?

Então, escutai.

Eu bem o sei, eu bem o sei. Vós tendes sentimentos de respeito, de estima e de amor pelos vossos semelhantes; vós desejais ardentemente o bem estar e a felicidade sobre a terra; vós reconheceis a imprescindivel necessidade de se unirem pelos laços de solidariedade os homens todos do planeta, dando-se as mãos, através as fronteiras, aos gritos de pão, terra e liberdade para todos os que trabalham, para todos os que produzem, para todos os que pertencem á grande familia humana.

Eu leio nos vosso semblantes o que me poderieis dizer por meio de palavras, porque neles percebo a vossa manifesta repulsão por essa nefasta instituição que é a antitese do bem, da justiça, da liberdade e da paz.

Eu sei que em vossos corações se abrigam sentimentos de amor e de concordia, que são o apanágio do homem moderno, do homem que acompanha a humanidade em sua evolução ascendente para a luz, para o progresso, para a perfeição; eu sei que em vossos pensamentos arquitetais ideias iluminadas pela razão, e que pelo amor da justiça, sois capazes de todos os sacrificios; eu sei que em vossas vigilias, não cogitais senão de prestar vosso concurso para a obra meritoria e dignificante da transformação social que trará como consequencia o estabelecimento definitivo da paz sobre a terra; eu sei, finalmente, que detestais com todas as forças de vossos sentimentos as scenas sanguinolentas que se desenvolvem entre nações populosas e prosperas que de um mamento para outro se veem aniqniladas, reduzidas á miseria, com os seus campos devastados, com as suas fabricas paralizadas e suas cidades destruidas, transformadas em escombros, em desertos, ostantando ruinas sobre ruinas; e, por isso, pois, ue me julgo autorizado a supor que sentis verdadeiramente a mais justa, a mais forte, a mais natural repulsão por essa monstruosidade terrivel, anacronica e detestavel que se chama — Militrismo.

E que é o Militarismo, repito? Haverá quem o ignore?

Não, nem é possivel.

Os seus efeitos hoje, mais do que nunca, atingiram ao auge, fazendo-se sentir terrivelmente por todo o orbe.

As cinco partes do mundo estão cheias de seu mal.

O Militarismo produziu a maior hecatombe que a historia da humanidade póde registrar — a conflagração europeia, para onde affuiram da America, da Asia e da Africa formidaveis legiões de seres humanos que em virtude de um sentimento mentiroso, que se chama Patriotismo — lá se foram imolar em honra e para gloria desse Moloch terrivel, que se chama Militarismo!

E' dele, pois, que me vou ocupar, ligeiramente, nestas linhas. Mas, antes de tudo, demos a palavra a diversos filosofos e profundos pensadores que com a sua pena fulminaram o Militarismo, pondo a nú todas as crueldades e miserias dessa execravel instituição, que no presente, acoroçoada pela perversidade dos chefes de Estado, parece querer assumir proporções assombrosas, ameoçadoras e terriveis, tão terriveis que após ter lavrado o incendio na velha e culta Europa, após te-la reduzido á condição de um matadouro colossal, vastissimo, medonho e horrivel, — tenta agora generalizar-se, invadindo os Estados da America, cujos politicantes e chefes de nação, imitadores e invejosos, sentem o prurido de glorias napoleonicas, á maneira de Guilherme II, prontos a militarizar seus vassalos, a prepara-los e a instrui-los nas casernas, para depois os atirarem á guerra de conquista de que possa resultar sua imortalidade.

E' o que vemos, com grande pezar, tambem, aqui no Brasil, onde, de uma hora para outra, apareceu como necessidade, mais de encomenda que de facto, a idéia militarista, que brotou da palavra de um poeta ilustre, que por ser notavel na literatura, não deixa de o ser tambem em sua mania militaresca e nativista com que pretende sanar a ruina moral que lavra em todos os departamentos da nação.

Mas á loucura do Militarismo oponhamos nós a luz da razão, que nos encaminhará para a liberdade, para a fraternidade e a paz.

E' o que devemos fazer.

*
* *

Vejamos, agora, o que é o Militarismo, segundo o criterio de espiritos cultos, que por seu saber e por seu amor á verdade se acham acima de toda a suspeita.

São do livro *O que eu penso da guerra*, de Leão de Tolstoi, as seguintes sentenças:

"Póde haver coisa mais curiosa que um homem ter o direito de me matar porque vive do outro lado do oceano e o chefe do seu Estado teve uma questão com o meu, sem que entre mim e esse homem nada tenha havido? (Pascal)".

"Os habitantes do planeta terrestre se acham ainda em um tal estado de ininteligencia e de estupidez que, nos jornais dos paizes mais civilizados, veem referidos simplesmente e sem discussão, como coisa naturalissima, os acordos diplomaticos que os chefes de Estado fazem uns com os outros, as alianças contra um suposto inimigo e os preparativos de guerra. Os povos consentem aos seus chefes que disponham deles como de um rebanho, que os conduzam ao matadouro sem parecerem suspeitar que a vida de cada individuo é uma propriedade pessoal...

Os habitantes deste singular planeta teem sido educados na ideia de que ha nações, fronteiras e bandeiras; tão fraco sentimento teem do que seja humanidade, que esse sentimento desaparece inteiramente, em cada povo, perante o da patria.

E' bem verdade que se os espiritos que pensam quizessem entender-se, mudaria esta situação, porque, individualmente, ninguem deseja a guerrra... E, além disso, ha engrenagens politicas que só fazem viver uma legião de parasitas. ("Terra do céu", de C. Flamarion)."

"Quando se examinam, não superficialmente, mas a fundo, as diversas manifestações da actividade humana, não podemos esquivar-nos a esta triste reflexão: quantas vidas são imoladas para perpetuar sobre a terra o reinado do mal e a que ponto a instituição dos exercitos permanentes concorre para a continuação desse mal!

A surpresa e a tristeza aumentam ainda ao pensarmos que tudo isto é inutil e que o mal, aceito com tanta facilidade pela maioria dos homens, tem simplesmente por origem a sua bestialidade e por eles se deixam explorar por um numero relativamente pequeno de habeis e devassos. (Patrice Larroque)."

*
* *

Como acabais de ver, pois, o estado social no presente seculo não comporta mais o Militarismo, instituição execranda que se não coaduna com as nossas ardentes aspirações de paz e fraternidade!

A civilização verdadeiramente entendida é refractaria a tudo quanto representa a negação dos sentimentos de solidariedade humana.

Assim é que, em vez da gloria pelas armas, prefere-a pelo insano labor de facilitar a vida aos membros da humanidade, instruindo-os, iluminando-os com a luz da sua sciencia cujas projecções atingem a todos os povos do planeta.

O heroismo de quem se digne representar o nosso seculo não consiste mais em matar no campo de batalha, mas sim em cooperar para a vida, trabalhando manual, intelectual e moralmente em prol da felicidade comum.

Não estamos na época dos Cesares e dos Alexandres; daí a razão porque se vai tornando tanto mais intensa a luta da verdade contra as trevas, da virtude contra os vicios, da justiça contra a iniquidade.

A batalha é temerosa, terrivel; mas, nós, robustecidos pela fé, animados pela esperança, não perdemos a energia nem nos esmorecemos na luta, certos, convictos de que afinal triunfaremos. Os titães desse prelio gigantesco, além de estarem baseados nos verdadeiros principios da justiça, possuem a força inconcussa da verdade. Leão de Tolstoi foi um deles: A sua obra *O que eu penso da guerra* é um brado

solene e sugestivo concitando-nos para um protesto perene contra o Militarismo e a guerra, que são o maior flagelo para a humanidade.

O Militarismo é a escola da corrupção onde a juventude inesperiente, submetida aos duros regimens da caserna, abraça os vicios proprios da classe e se perverte, trocando os sentimentos de dignidade pelos de baixesa e submissão.

E assim, quem chega a essa condição, já não é um homem; é um instrumento terrivel, perigoso, de que dispõe o comandante. Está pronto para tudo: matar, roubar, incendiar...

Pai, mãe, irmãos, amigos, nada lhe merece importancia. A sua consciencia é morta, não pensa, não reflite, não cogita se está praticando o bem ou o mal. Uma coisa apenas o domina: é a voz do mando. E isto, por ser uma clamorosa injustiça, deve merecer a condenação de todos aqueles que tenham sentimentos humanitarios.

E, entretanto, até ministros do cristianismo, e de outras religiões, em vez de reprovarem semelhante instituição procuram convencer da sua necessidade aos fieis das suas igrejas, esquecendo-se da moral evangelica que diz: "Não matarás".

E que é o militarismo senão a arte de matar?

Como são os homens!

João Penteado.

AUTO-JUSTIÇANDO

O DELEGADO DEFENSOR DOS PADRES DO ORFANATO DEU CABO DA CARCAÇA

Lapide que deve ser colocada em sua tumba: «Onde está Idalina?»

O Pinheirinho morreu!

Lembram-se, acaso, os leitores de semelhante simulacro de gente?

Pois trata-se do dr. Artur Pinheiro e Prado, que, por ocasião do caso Idalina, ocupou o



Idalina de Oliveira, a vitima do bandismo clerical

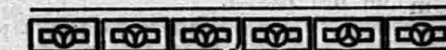
lugar de delegado auxiliar, sendo encarregado de realizar o inquerito respetivo e conseguindo com o seu trabalho o lugar de director da Penitenciaria.

Foi ele quem, com o seu relatorio, organizou o trabalho de defesa da quadrilha do Orfanato Cristovam Colombo, que deu sumiço á desventurada orfã Idalina de Oliveira.

Pois esse tipo vem de esticar o pernil de maneira brilhante: torrando os serafico-policiacos miolos com uma bala de revólver.

Foi o unico acto de benemerencia que praticou durante toda a sua vida.

Sobre a sua tumba poderá ser colocada esta inscrição: «Onde está Idalina?».



Lenda imaginada certamente por um caloteiro, inimigo dos oficiais de justiça:

Quando Deus viu entre os moradores do Céu Santo Yves, advogado e patrono dos advogados, ficou todo arreliado, pregou uma descompostura em S. Pedro e ordenou que o leguleio fosse mandado fazer um estagio no Purgatorio.

— Pois sim, aduziu o dr. Yves, mas hão-de ser cumpridas as formalidades legais: eu só sairei daqui regularmente intimado por um oficial de justiça, munido do competente mandado de despejo.

Ora, quanto a oficiais de justiça no Céu, nem meio; e e assim, lá ficou, sem o tirocinio do Purgatorio, o unico rabula admitido entre os eleitos.

HERCULES

Sinto coragem bastante
De pegar na carabina
E enfrentar qualquer farçante
Que á humanidade arruina!

Sinto a força de gigante
Que todo o meu ser domina,
E uma voz me diz: «Avante!
Pela idéia peregrina!»

Irei convidar o povo
A lutar p'lo mundo novo,
Do bem estar e do amor.

E com brava heroicidade
Lutaremos, com a verdade,
Pelo Ideal Redentor!

Antonio Abranches.

A DEFINIÇÃO DO RACIONALISMO

Extraimos do *Vocabulaire Philosophique*, publicado pela Sociedade francesa de filosofia, as diferentes definições da palavra «racionalismo»

«A. No sentido metafisico, doutrina sagundo a qual não existe coisa alguma que nãot enha a sua razão de ser, de tal maneira que em direito, se não de facto, nada ha que não seja inteligivel.

B. Doutrina segundo a qual todos os conhecimentos certos veem de principios irrecusaveis, *a priori*, evidentes, sendo consequencia necessaria deles e só deles, pois os sentidos só podem oferecer uma vista confusa e provisoria da verdade (é pois o contrario de empirismo).

C. Doutrina segundo a qual a experiencia só é possivel para um espirito que possua um sistema de principios universais e necessarios, que organize os dados empiricos.

E. Doutrina segundo a qual só se deve admitir nos dogmas religiosos o que a razão reconhece como logico e satisfatorio, segundo a «luz natural».

D. Fé na razão, na evidencia e na demonstração. Opõe-se neste sentido ao irracionalismo sob todas as suas fórmas: misticismo, ocultismo, filosofia de sentimento, tradicionalismo, fideismo, superstição.»

Os livres pensadores do seculo XVIII empregavam a palavra racionalismo no sentido E; depois prevaleceu entre eles o sentido D. Eis porque amiude se intitulam racionalistas.

O termo «agnosticismo» (e agnostico), empregado sobretudo nos paises de lingua inglesa, significa a recusa de se pronunciar sobre os ultimos problemas, considerados como insoluveis.

K.

Maldito seja!

A biblia diz-nos que não se move uma folha sem a vontade de Deus.

E' por isso mesmo que o diluvio universal, de que nos fala a escritura sagrada; os terriveis incendios que destruiram cidades e populações inteiras; as mortiferas pestes que atravez de todos os tempos se manifestaram victimando milhões de vidas humanas, as tremendas tempestades que devastaram e devastam as plantações; os cataclismos que destruiram e destróem cidades inteiras, causando a morte e o terror a milhares e milhares de habitantes e o pavor em todo o mundo; as seccas, como, por exemplo as do norte do Brasil; a guerra, essa monstruosidade das monstruosidades que traz como consequencia a peste, a miseria, o luto, a prostituição e a orfandade no seio das familias do povo, — a Igreja sempre disse e diz que são castigos de Deus, desse mesmo que afirmam ser todo bondade, todo misericordioso, todo clemencia e todo amor... Pois bem.

Se alguem perguntar porque Deus manda esses severos castigos para a humanidade respondem dizendo que os homens são maus.

Ora bolas! aí está: os homens são maus.

Mas não foi Deus quem criou os homens á sua imagem e semelhança?

Sim.

Então. se os homens são maus, é porque Deus é a suprema maldade; do contrario, os homens criados por ele e feitos á sua imagem e semelhança, deveriam ser uns verdadeiros anjos sobre a terrra.

Por isso, maldito seja Deus por toda a eternidade dos seculos!

Zeferino Oliva.



OS CRIMES DA BURGUEZIA

O massacre dos trabalhadores em Catalão

Nove mortos e quinze feridos!

Os criminosos ficarão impunes — porque as leis existem para proteger os ricos e punir os pobres — Postos na rua com dezesete mezes de salarios a receber! — Enquanto os graúdos vivem na orgia, os obreiros passam miseria — Urge que os proletarios se preparem para a Revolução Social.

Não ha, creio, entre as mais baixas companhias existentes por toda a parte uma que ultrapasse em baixesas a da Estrada de Ferro de Goyaz.

Aquilo não é uma companhia, mas sim uma sociedade de malfeitores, como a que se celebrizou na Italia com o nome de "Camorra".

Outra denominação não se lhe póde dar, porque ela ainda deixa a perder de vista em infamias a todas as mais réles arapucas por aí existentes com o rotulo de mutuas.

Não ha muitos dias, os mandões dessa estrada paralizaram os seus trabalhos, despedindo os operarios, que foram, assim, abrutamente, postos na rua com dezesete mezes de salarios a receber!

Tive ocasião de presenciar o triste espetaculo do desembarque desses homens laboriosos aqui em Araguarí.

Inconscientes e desorganizados, esses obreiros não atinaram com outro recurso para defender os seus interesses senão constituir um advogado.

Foi o que tentaram fazer, mas sofreram uma grande desilusão, pois o "seu doutor" disse-lhes logo ser muito dificil eles conseguirem receber o produto do seu esfalfante trabalho.

Dirigiram-se depois ao engenheiro da construção, que tambem lhes deu resposta desfavoravel.

Para quem devem, pois, apelar os operarios? Se tivessem consciencia dos seus direitos e da sua força, facilmente conseguiriam entrar na posse daquilo que ganharam em pesadas labutas.

Mas bem outra é, infelizmente, a sua situação, enquanto que devem enfrentar uma companhia de verdadeiros bandidos que, sob os auspicios dos governantes, praticam toda a sorte de desmandos e ladroeiras.

São estes os frutos desta sociedade corrupta, mantida pelos tiranos e exploradores e que só os trabalhadores, tornando-se conscientes, poderão, com energia e constancia, derrocar, fazendo a Revolução Social para implantar uma nova ordem de coisas.

Entretanto, o pagador da companhia vai gastando dinheiro ás mãos cheias com as meretrizes, andando todos os dias embriagado pelas bebidas de alto custo, alugando o cinema local por sua conta para distribuir as entradas á sua gente.

Leva assim, esse graúdo da estrada, uma vida de orgias, de verdadeira devassidão, enquanto os trabalhadores, que têm dezesete mezes de salarios a receber, arrastam uma vida de miserias!

O massacre de trabalhadores

O crime hediondo praticado pela policia de Catalão, massacrando barbaramente um grupo de trabalhadores mostra bem do que é capaz esses miseraveis colocados nos cargos publicos e mormente da policia, seja ela de onde fôr.

O delegado de policia e o chefe politico da referida cidade, que pertence ao Estado de Goyaz, tendo á sua frente uma numerosa força, realizaram uma emboscada aos operarios, assassinando-os infamemente.

Entrincheirados em um grande monte de dormentes colocados no meio da linha, a um quilometro de Catalão, esperaram os covardes assasinos o trem de lastro, conduzindo trabalhadores daquela localidade com destino ao serviço.

Vendo o maquinista a linha impedida, parou o trem afim de verificar do que se tratava.

Ouviu-se então um grito: — São eles! — e logo a seguir uma descarga de carabina alvejou os pobres homens do trabalho, dos quais nove tombaram sem vida e quinze muito feridos. Entre os corpos figurava tambem o de uma mulher!

Mas porque foram dessa fórma assassinados os trabalhadores? Que fizeram eles? De que crime os inculpavam para assaltarem-os como se fossem perigosissimos bandidos?

Um pretexto infame como os seus proprios executores serviu para eles levarem a cabo a sanguinaria façanha.

Na noite antecedente ao dia do massacre dos obreiros, um grupo desses tipos de viciados — jogadores, alcoolatras e devassos que são o produto mais puro desta organização cancerosa, esteve na casa de uma meretriz, que vivia amasiada com um soldado.

A desgraçada mulher não os quiz receber, vingando-se eles dessa repulsa assassinando-a covardemente.

Como alguns agaloados tambem se serviam da desventurada vitima da sociedade republicana, estes responsabilizaram os trabalhadores da estrada por esse assassinato, decidindo praticar o delito hediondo acima relatado.

Os crentes da legalidade burgueza dirão que esses facinoras serão punidos pela lei.

Pois sim! As leis são letra morta quando devem ser aplicadas como corretivo contra os argentarios ou os seus sequazes: autoridades, politicos, militares ou clericais.

As leis existem para garantir a expoliação dos ricos sobre os pobres, para assegurar a propriedade privada, constituida á custa do trabalho do obreiro — ao qual pune com todo o rigor quando trata de rebalar-se á exploração e á tirania.

A unica lei valida para o operario é a sua consciente união, com a qual poderá fazer frente aos bandidos que se assenhorearam de todas as riquezas sociais, colocando-se á frente dos cargos publicos e das emprezas industriais ou comerciais.

Urge, pois, que nós, os operarios, tratemos de, pelo estudo, nos emanciparmos de todos os preconceitos sociais, para, fortalecidos pela consciencia e pela união, darmos combate sem treguas á presente sociedade, substituindo-a pelo regimen do comunismo libertario — em que a liberdade, a igualdade e a fraternidade existirão de facto e não como rotulo de uma comandita de bandoleiros sanguinarios.

Araguarí, 9 — 3 — 916.

José Leal.

Um vigario, que se ausentou da sua freguesia durante alguns meses, encontra, ao voltar, uma das suas mais assiduas penitentes e pergunta-lhe pela saude, acontecimentos domesticos, devoções.

— E seu marido, como está?

— Ah! sr. vigario! ha mais de tres mezes que meu marido está no Céu!

— Oh! está no Céu, realmente? Sinto muito, creia que sinto muito...

A arte do palco

O TEATRO LIVRE

Genero livre nada tem de comum com teatro livre.

Parece, á primeira vista, pelo titulo deste arrasoado, que vou tratar do genero de teatro cujos fins consiste em perverter os sentimentos populares, provocando adrede um excitamento crescente do aparelho genital.

Bem ao contrario, tratarei de demonstrar quão proficua, quão necessaria se torna a refundição intelectual do teatro, e que — genero livre nada tem de comum com teatro livre, visto ser aquele o retorno a velhos metodos e processos estafados, e este presupor um principio filosofico em que se apoia uma nova concretização das aspirações dos povos.

Repetidamente tenho visto anunciado por aí, tal ou qual peça com a estravagante declaração: — «genero livre».

O publico menos culto, vendo amanhã o anuncio de qualquer obra dramatica do teatro livre, confundirá, facilmente, uma coisa com a outra, e, assim, necessario se torna, desde já, asseverar que genero livre constitue: — negação absoluta de arte, visto brigar com a sua missão, que hoje tem de ser, fatalmente, o reflexo da vida moderna, das suas tendencias e das suas aspirações.

A condição essencial da arte, é o sentimento, — ninguem o nega. Mas sentimento não implica dissolvencia, e, assim, a arte não constitue um passatempo para matar ociosidades, mas uma parte de rejuvenescimento moral, uma gloriosa espansão da vida, como entendia Guyan, e, muito principalmente, um instrumento de reivindicação social, atiçando — como diz Manuel Ribeiro — essa chama de revolta que arde em baixo, nas camadas proletarianas e ameaça atingir os altos cumes da sociedade.

— Oh!... mas o palco não é uma tribuna!... — argumentam daí.

A poesia social tem o seu fundamento na moral — esclareceu Blangueron — e o dever de todo aquele que se presa como artista é engrandecer a alma de seus irmãos, criando-lhes uma consciencia profunda dos deveres sociais.

E não me venham dizer que a arte perde em beleza. Ignorantes serão aqueles que o afirmarem.

O teatro livre, o grande teatro das ideias, constitue hoje a mais fecunda fonte de beleza e aspiração para os espiritos. E' a paixão do belo, o culto pela natureza-mater, supremo de vida e amor, palpitando na empolgante harmonia das coisas.

Cabe ao Brasil, o florescente paiz do sol, o ultimo dos lugares com relação ao teatro livre. Uma ou outra peça do genero, naturalmente, se tem representado, mas nunca se poz em pratico uma empresa desta ordem, seriamente organizada e honestamente desenvolvida.

Seria pelo receio de que o povo a não aceitasse condignamente?

Mas, como manter semelhante afirmativa, se ainda não foi dada a experiencia?

O teatro livre, o maior de todos os generos dramaticos, aquele a que o meu distinto colega João Barbosa chama: — «teatro patologico, psicologico ou fisiologico,» — tem sido tentado e mantido em todos os paizes onde a cultura não é um mito.

Em Portugal, fundou-se, esclusivamente por artistas e escritores dramaticos, a Cooperativa Teatro Livre, a qual proporcionou duas extraordinarias épocas teatrais, uma sob a direcção habil de Antonio Pinheiro, no «Ginasio», e outra, sob a direcção do talentoso artista Araujo Pereira, no «Principe Real».

Mediante a irrisoria quota semanal de cem réis, cada artista, se mantiveram galhardamente estas duas companhias, que, não satisfeitas com o magnifico impulso dispensado á arte dramatica, davam ainda ao povo dois espectaculos por semana absolutamente gratuitos.

Segue-se, o ter-se criado uma vigorosa pleiade de modernos escritores teatralistas, que ali fizeram os seus primeiros ensaios. Com a «Coopnrativa Teatro Livre», nasceram Manuel Laranjeira, Bento Faria, Ramada Curto, Costa Carneiro, Bento Mantua, Severino de Carvalho, Mario Gollen, Alfredo França e Campos Lima.

De mãos dadas escritores e artistas provaram que deve ser na criação, na vida, e, portanto, no amor, que se deve assentar o principio fecundo e nobilissimo da arte.

Pois bem: ao Brasil, paiz novo, inteligente, que vai preparando os seus homens e os seus artistas, convem, mais do que a nenhum outro, uma arte inspirada assim, nestes principios, cheia de relampagos audaciosos de genio, repleta da bela sementeira de que só ela é capaz.

S. Paulo, fevereiro 1916.

Romualdo Figueiredo.
(Artista dramatico).

BANDITISMO LEGALIZADO

Ribeirão Pires em estado de sitio

O direito de reunião é uma burla

BURGUEZES, POLITIQUEIROS-CACIQUES E CÃES POLICIAIS MANCOMUNADOS PARA PERSEGUIR OS TRABALHADORES.

O regimen de infames violencias ainda não cessou para os trabalhadores de Ribeirão Pires.

Os celerados perseguidores dos homens do trabalho entenderam ser pouco o que praticaram e foi relatado no nosso numero 285, continuando, por isso, na sua obra de banditismo legalizado.

Os assaltos a domicilios e á séde do sindicato operario local, e as prisões acompanhadas de espancamentos não bastaram para saciar a sua furia criminosa.

O que eles querem conseguir bem o sabemos nós — e outra coisa não é senão procurar cansar os operarios, desanimando-os e fazendo-os abandonar a luta para — que possam então roubar á vontade e impunemente.

Dispondo do auxilio dos caciques politicos do distrito e das autoridades polciais, os patrões das pedreiras procuram ver se impedem as reuniões dos trabalhadores, fazendo com o sub-delegado de S. Bernando as proiba, como está fazendo.

O sindicato já convocou a classe para uma assembleia e não a poude realizar, devido á intervenção da policia, que recebeu um numeroso reforço de soldados de S. Paulo.

O tal sub-delegadete de farça exige que o sindicato oficie ao secretario da Segurança Publica todas as vezes que convocar uma assembleia, á qual deverá comparecer!

Este pobre homemzinho tem tal capacidade asnologica que chegou a dizer aos operarios que não quer que usem o nome de sindicato!... Que rocinante!

E não é só, pois os miseraveis continuam a forjar um processo com o intuito de expulsar alguns companheiros ha muitissimos anos residentes no Brasil.

Que infamissima canalha! Quando o povo se resolverá a corre-la a chicote?



CONTRA A CARESTIA GERAL

Além dos que já noticiámos, a União Geral dos Trabalhadores promoveu mais dois comicios, que se realizaram, um no dia 27 de fevereiro, no largo do Cambucí, e o outro no dia 4 do corrente, no largo da Concordia, com boa concorrencia.

Esses comicios populares vizaram protestar contra a carestia da vida, aproveitando todos os companheiros que discursaram a oportunidade para falar longamente sobre a questão social.

"A CONQUISTA DO PÃO"

Ha quatro anos que li pela primeira vez «A Conquista do Pão», de Pedro Kropotkine. A impressão que me deixou não posso descrever nestas singelas linhas.

Fiz, agora, gostosamente, uma repetição da sua util e proveitosa leitura. Em poucos dias devorei com sofreguidão todas as suas admiraveis paginas, que encheram todo o meu espirito de novas e belas energias

Ha bastante tempo que deixára de ler os bons livros, para dar lugar a certa literatura piegas e banal que está desviando a mocidade ledora das obras sãs e amenas. Hoje lamento todo esse tempo perdido, pois que podia te-lo aproveitado em coisas mais necessarias e instrutivas, se não me tivesse deixado influenciar, tambem, por tal literatice.

«A Conquista do Pão» é o evangelho das sublimes doutrinas anarquistas. Todo o individuo que estuda não deve deixar de ler obra tão profunda e importante, escrita em linguagem simples e clara, que póde ser compreendida pela pessoa menos culta.

Lêde, pois, e dai a ler a outros «A Conquista do Pão»! Lá encontrareis a causa dos males e da miseria que nos afligem, e o meio unico de as destruir.

Ricardo.

BELEZAS REPUBLICANAS

A Federação Operaria do Rio foi assaltada pela policia

Prisão de varios operarios

Vagas noticias recebidas do Rio informam-nos que a Federação Operaria daquela cidade foi invadida pela policia, que realizou a prisão de alguns companheiros.

Sob que pretexto praticou a horda policiesca carioca semelhante violencia?

De ha muito que se planejava tal bravura republicana e o primeiro caso furtuito provocou a sua execução.

Tendo-se dado um incidente entre alguns sapateiros e um burguez nas imediações da séde da Federação, a policia logo após cercou-a e assaltou-a com aqueles modos que toda a gente conhece, levando para a prisão varios operarios que lá se achavam.

Como estigmatizar tal vanlismo? As palavras leva-as o vento...



ROL DOS CULPADOS

Padre falsario

Comunicam do Porto que, obrigado pela perseguição popular, o padre Rocha Areias vai indenizar as pessoas a quem prejudicou, extorquindo dinheiro por meio do desconto de letras falsificadas.

Idem politiqueiro

De Recife dizem que os moradores do municipio fizeram uma publicação na imprensa daquela cidade denunciando que o vigario dali é um politiqueiro incorrigivel. Esse sacerdote, por vingança, não casa os adversarios e excomunga-os.

Idem estrangulador

Foi preso em Napoles o carmelitano Ginvolini, de trinta anos de idade, acusado de haver estrangulado, em San Giovani a Teduccio, o padre Grossi, provincial do convento de Santo Antonio, em Portici.

Giovalini confessou o crime, mas nada disse a respeito das causas.

No momento da prisão Giovalini dirigia-se para a casa de sua amante.

Parece que o criminoso furtou o dinheiro que se achava em poder da vitima.

Idem «D. Juan»

O abade da freguezia de Lobrigos, no concelho de Santa Maria de Penagulão, Portugal, teve artes de introduzir-se numa casa daquela região e conseguiu fazer-se enamorar de uma linda menina, herdeira rica e prendada.

Recentemente, a enamorada fugiu de casa em certa noite, raptada pelo padre, não se esquecendo de levar consigo o melhor de mil escudos para as despezas da viagem.»

Cremos que não se póde desejar mais de sacerdotes da religião de santa moral: falsidade, intrugice, crime em todas as suas feições e satirismo!

Para a igreja, pois, ingenuos crentes, e ide, após, queixarvos ao bispo...

S. JOÃO D'EL-REI

ESTA' SE TORNANDO UM COIO CLERICAL

As canalhadas dos suinos coroados

De S. João d'El-Rei, a velha cidade mineira, recebemos a carta inserida a seguir e pela qual os leitores verificarão como o enxurro clerical vai se alastando por aí afóra.

Eis o que diz o missivista amigo:

«Como assinante do jornal que redigis e que até hoje ainda não desmentiu o seu titulo, porque, como lanterna, tem feito luz sobre estes medonhos antros onde se esconde a clericanalha, venho hoje pedir-vos um reflexo dessa luz salutar sobre esta pobre cidade, onde a padraria e a fradalhada assentou os seus arraiais desde muitos anos e onde agora, mais do que nunca, o povo é vexado por estes repulsivos vampiros que odeiam a luz.

O chefe deles, um vigario, perdeu a noção do brio; é um velho devasso e ganancioso que se enriqueceu com a quebra duma companhia de seguros da qual era presidente, embolsando o dinheiro dos pobres, para viver vida folgada, ora aqui, ora em Belo Horizonte, onde tem um socio em tudo...

E' esse tipo dado á curanderia, preferindo sempre doenças de mulheres...

Todo o povo digno tem nojo de semelhante tartufo, que assim abre campanha contra a moral, pondo em choque de um lado a incompetencia e de outro o corpo medico da cidade. O beaterio anda a lhe beijar o fim da espinha dorsal, de parceria com os frades, que se intrometem pelas casas dando o cordão para beijar... Enfim, esta terra está se tornando um coio clerical.

Triste povo!...

A. L.

RIFA PRO' "A LANTERNA"

A maioria das pessoas a quem remetemos bilhetes da rifa de cujo produto uma parte se destina á *A Lanterna*, ainda não nos enviou as importancias dos mesmos.

Porque?

Alêm do jornal precisar urgentemente desse dinheiro, devemos prestar conta á pessoa promotora da dita rifa.

Urge, portanto, que todos se apressem.

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda se estende animadoramente, os seguintes correligionarios:

Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;

Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;

Em Bagé — Amantino O. Santos.

Em Rio Grande — Sr. Manoel João Pereira (Bijou da Moda).

Em Porto Alegre — Sr. Martiniano Gregorio dos Santos, rua General Camara, 56-A.

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

EM SANTA CATARINA

A VILA DE ANGELINA ESTA' INFESTADA PELA PESTE DE BATINA

OS BANDOLEIROS ULTRAMONTANOS ARRASTAM OS CAROLAS Á EXECUÇÃO DE SEUS NEFASTOS INTENTOS — SÚS Á ESSA CORJA!

A florescente vila de Angelina, como, aliás, as demais deste Estado, está infestada pela corja de batina, essa baixissima gente sem qualificação alguma que arrasta os seus fanatizados ao desrespeito a todas as normas sociais.

Dentre as muitas imposições que os padres, esses espectros malditos da humanidade, fazem aos pobres ignorantes da sua seita, se destaca a de não se casarem no civil, pois que a sua palhaçada religioso é que tem valor.

O religioso que cometer essa *horrivel falta* é escomungado e depois obrigado pelos miseraveis tonsurados a pedir-lhes perdão — se forem idiotas ao ponto de submeterem-se a tal maluquice.

Uma pessoa que não é casada na igreja não poderá servir de testemunha de casamento ou de padrinho de batisado e quando morrer não será encomendado. (Perde muito com isso...)

O Cristo que eles afirmam ter existido e do qual se dizem sacerdotes terá aconselhado isso?

Póde-se admitir que esses pretensos representantes de Deus préguem a sua religião, como nós, livres-pensadores, não cessaremos de a combater, mas não é admissivel que semelhantes barbaros, que aqui arribam com o decidido proposito de explorar o povo, façam pouco caso dos nossos habitos.

Se os governantes não fossem seus dignos parceiros, caber-lhes-ia o dever de chamar á ordem esses bandoleiros ultramontanos, obrigando-os ao cumprimento dos bons preceitos e impedindo que eles influissem no animo dos desgraçados carolas, submetendo-os ás suas nefastas ordens.

Infelizmente, porêm, eles estão senhores da situação neste mal fadado paiz, que tão hospitaleiro se lhes mostra, enquanto tem expulsado violentamente honestos e laboriosos operarios, só por defenderem os direitos de sua classe.

E' preciso combate-los sem treguas. Sús a essa corja, pois!

O. S.

Pessoa procurada — D. Francisca de Flores Ferraz, residente em Baurú, á rua B. de Carvalho, 88, deseja saber do paradeiro de d. Maria de Castro Massena, lavadeira e engomadeira, casada e de nacionalidade brasileira.

VIDA OPERARIA

EM PONTA GROSSA

Os companheiros da Sociedade do Trabalho, de Ponta Grossa, Paraná, julgando não a poderem manter presentemente com com aproveitamento, resolveram distribuir a importancia que tinham em caixa em beneficio da propaganda, cabendo 200$ á Sociedade Escola Moderna de S. Paulo, 70$ á «Na Barricada», 43$ á Confederação Operaria Brasileira e 30$ á *A Lanterna*.

Agradecendo a parte destinada a esta folha, lamentamos que os companheiros não tenham podido manter a sociedade referida, pois sem a organização da sua classe os trabalhadores serão as eternas vitimas da burguezia.

EM S. PAULO

União Geral dos Trabalhadores — Esta associação continúa a trabalhar activamente para conseguir agremiar os trabalhadores.

Todos os sabados, na sua séde, realiza sessões de propaganda, cujo fim é orientar os operarios na luta sindical, instruindo-os, assim, para que conheçam o problema social e o ideal de redenção humana.

—

A sua comissão administrativa está organizando um espectaculo em beneficio dos cofres da associação e que se realizará no dia 15 de abril proximo.

Todas as noites, acha-se aberta a sua séde social, sita á rua Caetano Pinto, 79, no Braz.

Azeite para "A Lanterna"

Subscrição voluntaria permanente

Embora tenha a *A Lanterna* a sua base de existencia na renda das assinaturas, necessita ela, para que o «azeite» não lhe falte, da ajuda da subscrição voluntaria, que doravante manteremos permanentemente aberta em nossas colunas.

De preferencia, os partidarios do jornal devem se esforçar para lhe conseguir assinantes, entretanto, quando não o possam fazer, não lhes será dificil correr uma lista ou fazer uma colecta entre os seus amigos e simpatizantes da nossa obra.

E todo aquele que possa contribuir com alguma quantia, por pequena que ela seja, não se faça esperar: envieno-la imediatamente pelo correio, em vale postal ou em carta registrada com valor declarado.

Se ha pessoas cujas condições apenas lhes permitem pagar a importancia da assinatura, outras existem, porém, a quem não ficaria pesado, de quando em vez, contribuir para ser reforçada a caixa do combustivel da folha...

Assim poderemos mais depressa desembaraça-la dos compromissos que a sobrecarregam e ir melhorando a sua feitura de formas a ela poder corresponder devidamente ás necessidades da propaganda.

Total já publicado . . .	232$600
Sociedade do Trabalho de Ponta Grossa	30$000
Benjamin, S. Paulo . .	2$000
O. B., S. Paulo	1$600
F. Escudelario, S. Paulo	2$000
A. Pereira da Silva, produto de varios objectos vendidos em leilão na festa da Escola Moderna N. 1	7$500
SOMA TOTAL . . .	275$700

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa
A questão politica
A questão económica

1911-1912

Colecção de crónicas do nosso colaborador Neno Vasco:

Apesar do titulo — que é o das crónicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um têrço deste livro é que é constituido por algumas das cartas enviadas para a *Lanterna*. O resto é desconhecido para os nosso leitores.

Preço, livre de porte, 2$500.

Aos nossos assinantes do Rio, onde a cobrança é muito dificil, devido ás grandes distancias de um ponto a outro da cidade, pedimos que paguem a importancia de suas assinaturas na séde da Liga Anticlerical, á Praça Tiradentes 71, onde todas as noites, das 19 ás 22 horas, encontrarão o nosso representante Maximiniano de Macedo.

NO PAIZ DOS FRADES
DE JOSE' RIZAL
UM VOLUME DE 134 PAGINAS $600

FOLHETIM D'A LANTERNA (61)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para A Lanterna

SEGUNDA PARTE

Padilha

CAPITULO IV

A cruz de ouro

dro, havia outra saleta mobilada com uma mesa redonda, algumas cadeiras de palha e, suprema elegancia, um relogio de madeira com mostrador de esmalte azul: era o compartimento reservado aos hospedes de distinção que o contacto dos fregueses vulgares enojaria demais ou então aos ricos namorados com boa sorte.

Huerta entrou na sala comum e encarou os que ali se achavam reunidos. Havia almocreves esvaziando grandes vasos de vinho e entremeando a conversa salgada com gargalhadas e pragas; estudantes arreliando uma raparigaça de ar atrevido que lhes respondia com vivacidade; um mendigo esfarrapado, de barba branca e piolhosa, mais altivo do que um rei, discutia gravemente sobre o milagre da Incarnação com um frade agostinho, comprido, magro e seco, o qual, de sobrolhos franzido, replicava com citações latinas.

Entre todas as fisionomias, uma atraiu a atenção de Huerta: a dum homem ainda moço, cujo perfil nitidamente recortado tinha um quê de imperioso e duro.

— E' curioso, pensou ele, eu já vi algures, não este homem, mas uma cara semelhante. Onde e quando?

O homem era Santafierno. Quando vinha a Toledo, apeava-se geralmente na Cruz de Ouro. Na sala comum, onde ele de boamente se encanalhava, podia ele saber noticias e, o que particularmente o interessava, o que se dizia de Padilha, a pessoa mais conhecida da cidade. Nessa noite, Santafierno, depois de se ter furtado á vista de Maria Pacheco e Linda Ruiz, voltara para a sua hospedaria. Arquitetando projectos ferozes, esvaziava um pichel de vinho velho e mordia raivosamente uma fatia de pastel. Ao mesmo tempo, prestava ouvidos ás conversas.

— Caramba! dizia um dos estudantes á monola, és digna de te chamares Venus... *meretrix*.

— Filho das minhas entranhas, respondeu a raparigaça, guarda o teu grego ou o teu latim para a escola.

— Vós compreendeis, meu irmão, argumentava o agostinho, a bemaventurada Virgem Maria era mulher... *mulier erat*, portanto, *in copulatione cum spiritu sancto*...

— Um filho de gitana, seja lá quem for o pai, nunca poderá ser mais do que um *marrano* (1).

Santafierno recebeu uma pancada no coração e, palido de comoção, de humilhação, de raiva, cambaleou, para se erguer logo depois, terrivel, pronto a castigar o insolente temerario que ousava assim falar dele. Porque a quem, senão a ele, podiam fazer aquela alusão? Mas não! Quem acabava de pronunciar aquelas palavras nem sequer o via. Era um dos almocreves que, de costas voltadas para ele, falava com os seus companheiros.

O cavaleiro tornou a sentar-se, um pouco acalmado, tendo o seu furor dado lugar a um sentimento de amargura. Ele tambem era filho de cigana e, por mais celebre que se tivesse tornado seu pai, nem por isso deixava de ser um bastardo não confessado! Oh! como ele o odiava duplamente naquele instante, a esse Padilha cujo nascimento envergonhava o dele! Ao mesmo tempo, verificava em si, ao lado da devoção violenta e sombria que o inquisidor seu pai sem dúvida lhe transmitira no sangue, um fundo selvagem, uma necessidade de vida independente e aventurosa, assim como uma ausencia completa de escrupulos, que ele devia ter herdado da boemia sua mãe...

Neste momento entrou na sala um homem que, com voz habituada ao comando, deu esta ordem:

— Hospedeiro, vinho e de comer! O que tiveres de melhor.

Ao mesmo tempo, o homem, examinando desdenhosamente os fregueses, procurava na sala um canto onde pudesse sentar-se á mesa apartado dessa turba indigna de lidar com ele. Era evidentemente um oficial, pois usava morrião encimado por um leve penacho, e a capa, levantada pela ponta dum longo espadão, descobria ao entreabrir-se um corselete de malhas. Demais, o tom e os modos eram os de um militarão.

Santafierno erguera os olhos para este recem-vindo; os seus olhares encontraram-se: houve uma dupla exclamação de surpresa:

— O senhor Paredes!

— O cavaleiro de Santafierno!

Os dois homens adiantaram-se ao encontro um do outro e cumprimentaram-se.

— Que diabo fazeis aqui? perguntou o recem-chegado.

— Oh! uma viagem sem importancia, respondeu Santafierno, evitando uma resposta mais precisa. E vós?

— Missão d'el-rei!

Era só ao cavaleiro que se dirigiam estas palavras, mas foram pronunciadas com tão suberba enfase que Huerta as ouviu.

Estremeceu e instintivamente prestou ouvidos, pois o rei para ele era o inimigo.

Paredes, a despeito da sua prosapia, não pertencia de modo algum á nobresa historica. De começo simples archeiro, do palacio, fôra pouco a pouco elevado ás funções de correio de Estado. Fôra em tal qualidade que Santafierno tivera ocasião de o encontrar em Valhadolid. Os dois homens tinham logo agradado um ao outro por causa dos seus defeitos que eram os mesmos.

A estas palavras: "missão do rei", Santafierno fez uma venia e como o seu orgulho, igual ao de Paredes, não o cegava a ponto de o levar a desdenhar relações na côrte, declarou:

— Por minha alma, senhor Paredes, terei prazer e honra em beber convosco á saude de Sua Majestade, que Deus guarde!

O correio inclinou-se em sinal de assentimento, era espanhol com cruzamento de flamengo, o que explicava a sua subida e lhe dava umas guelas vigorosas. Veio sentar-se á mesa de Santafierno, a quatro passos de Huerta.

— Sim, disse Paredes empavonando-se, tal como me vêdes, não gastei dois dias para chegar aqui, vindo de Valhadolid afim de trazer aos senhores Padilha e Davalos ordem de se dirigirem aonde está el-rei.

Santafierno fez um movimento repentino: Padilha ia deixar Toledo, isto é, deixar-lhe a ele o campo livre.

— Que tendes? perguntou-lhe Paredes, fixando-o com penetrante olhar.

— Nada... a não ser que esse maroto do hospedeiro não trouxe ainda o vosso copo... Ah! em fim!

O estalajadeiro chegava, trazendo numa bandeja de madeira um pichel de vinho, uma taça e metade de um pastel.

— Vossas Senhorias querem passar para a sala vizinha? disse ele curvando respeitosamente a espinha.

Santafierno preferiria ficar na sala comum, onde o seu olhar gozava quadros vivos, ás vezes pitorescos em seu realismo. Justamente os almocreves, depois de ter rido, chegavam aos palavrões, e um deles parecia procurar na roupa uma navalha: aquilo podia tornar-se interessante! Mas Paredes não gostava de estar no meio do vulgo; depois não era realmente entre aqueles bebedores triviais que o mensageiro podia falar dos negocios sagrados do Estado. Santafierno levantou-se pois como o seu companheiro, e ambos seguiram, direitos e majestosos, o hospedeiro que lhes mostrava o caminho.

Huerta sentiu um secreto descontentamento quando os viu atas-

(Continúa).

(1) Literalmente, um porco. Injuria dirigida sobretudo aos descendentes de mouros, de judeus e por extensão aos maus cristãos.